

# MUNDO DO TRABALHO: O FENÔMENO DA INFORMALIDADE NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E OS DESAFIOS PARA A PROFISSÃO DE SERVIÇO SOCIAL

LOPES, Christiani Bortoloto<sup>1</sup>

## RESUMO

Esse artigo apresenta os dados empírico realizado com os Sacoleiros/Laranjas do Município de Medianeira-PR tendo como foco sistematizar as experiências dos mesmos, como uma das categorias dos trabalhadores informais com atuação significativa no comércio Paraguaio. A pesquisa caracteriza-se do tipo exploratória com viés descritiva, com intuito de aproximar-se do objeto em estudo em torno da realidade social dessa categoria de trabalhadores. Para tanto, é necessário analisar e compreender a atual organização do processo produtivo com ênfase nas relações de trabalho informal, no contexto da reestruturação produtiva, tendo a informalidade como consequência desse processo determinado pelo modo de produção capitalista. Aborda os processos de acumulação capitalista, caracterizando os modelos de racionalização do trabalho, como o fordismo/taylorismo e toyotismo, desvelando a funcionalidade do trabalho informal que se vincula ao processo de reestruturação produtiva. A metodologia utilizada para construção deste estudo, revela a caracterização do ambiente da pesquisa, os métodos e técnicas utilizados e o tipo de pesquisa para desvendamento da realidade social dos Sacoleiros/Laranjas do município de Medianeira. O estudo realizado com os sujeitos sociais contribuiu para a apreensão crítica da realidade social dos Sacoleiros/Laranjas, além de referendar sobre as questões do mundo do trabalho, desperta para a profissão de Serviço Social que a própria ética profissional conduz o Assistente Social a utilizar as técnicas e mecanismos da profissão para todos aqueles que precisam dela, principalmente os assalariados ilegais sob a égide da acumulação flexível.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mundo do trabalho. Informalidade. Serviço Social.

## THE PHENOMENON OF INFORMALITY IN THE CONTEXT OF RESTRUCTURING PRODUCTION: CHALLENGES TO THE PROFESSION OF SOCIAL SERVICE

## ABSTRACT

This paper presents empirical data conducted with Sacoleiros / Oranges Municipality Medianeira Paraná focusing systematize the experiences of this group of workers who work in the informal trade in Paraguay. The research is characterized by the exploratory descriptive bias, with the aim of approaching the object under study around the social reality of these workers. Therefore, it is necessary to analyze and understand the current organization of the production process with emphasis on the informal labor relations in the context of the restructuring process, and informality as a consequence of that determined by the capitalist production process. This theme addresses the processes of capitalist accumulation, featuring models of rationalization of work, as Fordism / Taylorism and toyotism, unveiling the functionality of informal work that is linked to the restructuring process. The study of the social subjects contributed to the critical apprehension of social reality of sacoleiros/oranges, and endorse on the issues of the working world, awakens to the profession of social work professional ethics itself that leads the Social Worker to use techniques and mechanisms of the profession for all those who need it, especially the illegal employees under the aegis of flexible accumulation.

**KEYWORDS:** World of Work, Informality, Social Service.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar e compreender a atual organização do processo produtivo com ênfase nas relações de trabalho informal no contexto da reestruturação produtiva, o trabalho informal como consequência desse processo determinado pelo modelo de produção capitalista.

Traz para o debate reflexão sobre as transformações que vem ocorrendo no mundo do trabalho, procura-se desvelar a funcionalidade do trabalho informal ao modelo de acumulação flexível, atentando para os dados da pesquisa realizada com os Sacoleiros/Laranjas de Medianeira que contribuíram para realização desse estudo.

A necessidade de conhecer a realidade social desses trabalhadores surgiu com o interesse de buscar compreender a precarização do trabalho, bem como suas repercussões para a classe trabalhadora, com objetivo de perceber a importância do processo de investigação enquanto revelador de significados das problemáticas existentes com proposições para a política do trabalho, entendendo esta como um direito para todos os cidadãos.

Os traços da reestruturação produtiva associada à globalização e ao ideário neoliberal ditam as novas regras do capital. O trabalho informal e tantas outras formas assemelham-se a esse processo de reestruturação, visto que a impossibilidade do emprego formal é a grande manifestação do capital, onde observa-se uma sucessão de rupturas no universo da classe trabalhadora em todas suas formas.

As metamorfoses no mundo do trabalho são encaradas como estratégias do capital para superar suas crises, podendo ser tratadas a partir de três dimensões históricas que contribuíram para que a burguesia desenvolvesse a disseminação do sistema capitalista em escala planetária. Tais contextos se referem à reestruturação produtiva, o neoliberalismo e, consequentemente, a globalização.

Este estudo constitui-se como exigência para qualificação profissional do curso de Pós-Graduação “Gestão em Políticas Sociais” da Faculdade Educacional de Medianeira (FACEMED) no ano de 2007, com a possibilidade de aproximação dos sujeitos da pesquisa: os trabalhadores informais em específico os Sacoleiros<sup>2</sup>/Laranjas<sup>3</sup> de Medianeira.

<sup>1</sup> Bacharelado em Serviço Social, especialização em Gestão em Políticas Sociais – Faculdade Educacional de Medianeira-FACEMED, Mestre em Educação pelo PPGE Unioeste. Email: christianilopes@yahoo.com.br. Atuação profissional : Prefeitura Municipal de Cascavel/PR, Unidade Saúde Escola – USE Aclimação.

Interessa analisar as mudanças decorrentes do processo de reestruturação produtiva, que incide diretamente no mundo do trabalho, redefinindo as relações de produção não mais submetidas ao setor produtivo, especialmente o uso flexível do trabalho através de relações informais.

Cabe assinalar a particularidade que o trabalho informal representa na fronteira, ao passo que se apresenta de forma intensa e enquanto estratégia de sobrevivência.

A precarização do trabalho associada ao processo de reestruturação produtiva se constitui como fator determinante na conjuntura atual da sociedade brasileira, contribui para o aumento gradativo de trabalho informal, fenômeno consequente das estratégias do capital para continuar se reproduzindo, expulsa milhares de pessoas do mercado formal de trabalho que sob formas precárias de trabalho na região de fronteira dos países Brasil, Argentina e Paraguai.

## 1.1 AS FORMAS DE RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A CLASSE QUE VIVE DO TRABALHO

A reestruturação produtiva principalmente nos países periféricos, assume novas características de dominação, havendo a flexibilização do trabalho<sup>4</sup>, terceirização<sup>5</sup> e descentralização do capital, polivalência, trabalho temporário, precário, subcontratado, que Antunes (2005a), denomina como subproletarização<sup>6</sup> da classe-que-vive-do-trabalho<sup>7</sup>.

Os trabalhadores são os sujeitos que sentem a exploração intensificada, levando-os a encontrarem alternativas de sobrevivência na informalidade que se caracteriza pelo conjunto de trabalhadores temporários que exercem atividades mediante ocupações autônomas sem carteira assinada, com baixos salários, sem direitos trabalhistas. Considerado por Tavares (2004, p. 132) como “unidades produtivas individuais ou familiares, consideradas independentes”, contribui necessariamente para uma “maior heterogeneização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora” (ANTUNES, 2005a, p.50), tornando cada vez mais distantes o processo de luta dos trabalhadores em busca de uma nova ordem societária.

Embora as determinantes da acumulação flexível<sup>8</sup> tenham mudado as características das relações de produção, a polivalência, a terceirização agrupada a reestruturação produtiva, nos permite compreender que todas as formas de trabalho já mencionadas configuram-se no modelo de exploração perfeitamente adequado às exigências do capital.

O neoliberalismo tem na sua gênese no velho liberalismo, porém assumindo novas roupagens, através de uma cultura antidemocrática, neutra, acima de tudo moderna, defendendo a premissa de ser um modelo altamente eficiente e ágil, portanto, o neoliberalismo nada tem de novo e moderno como ideologicamente tenta transmitir.

Nesse contexto, com o objetivo de elucidar os nexos da reestruturação produtiva, aliada ao processo neoliberal, no processo de acumulação capitalista, essas modificações, além de refletirem na informalidade associada ao trabalho precário, com salários medíocres, esta associada ao forte desmantelamento dos direitos sociais.

O trabalho informal nesse contexto de transformações no setor produtivo, associado a tantas outras formas assemelhadas, são consequências intrínsecas ao processo de reestruturação produtiva e partes fundamentais da estratégia de acumulação flexível, uma vez que o capital necessita de continuar se reproduzindo.

---

<sup>2</sup>“Os sacoleiros correspondem aos trabalhadores que estabelecem as relações comerciais entre os empresários que atuam no Paraguai e os pontos de venda e distribuição de mercadorias adquiridas no país vizinho por todo o território brasileiros. Eles são, ao mesmo tempo, os atravessadores e os distribuidores no Brasil dos inúmeros produtos disponibilizados no mercado Paraguaio, atuando de forma autônoma ou para um ‘patrão’, que administraria o dinheiro e os contatos necessários para a boa lucratividade da ocupação. (CARDIN, 2006).

<sup>3</sup> “Os ‘laranjas’ são os trabalhadores contratados informalmente para transportar determinada quantia de mercadorias em troca de um valor previamente determinado, que é conhecido como ‘cota’. Esse serviço possui a função de auxiliar os sacoleiros na travessia dos produtos adquiridos pela Ponte da Amizade e pelos Postos de Fiscalização da Polícia e da Receita Federal”. (CARDIN, 2006).

<sup>4</sup> Para César (2000, p. 118)., “[...] a ‘flexibilização’ do trabalho se dá com a base na racionalização da produção e na intensificação do ritmo do trabalho que na ótica das políticas de gestão, convertem-se em objeto estratégico empresariais para enfrentar o desafio da competitividade no mercado globalizado”

<sup>5</sup> “O termo terceirização, expressa o recurso gerencial pelo qual uma empresa transfere parte do seu processo produtivo (atividade fim) para outra unidade empresarial, que opere interna ou externamente aos limites espaciais da contratante (prédios ou terrenos) e que mantenha independência administrativa e de capital, visando à flexibilização da produção e do trabalho”. (RUDUIT, 2002, p. 335). O que para Antunes, terceirização é a precarização da força de trabalho, faz parte da nova dinâmica produtiva, esta precarização é refletida nos baixos salários dados a transferências de produção de uma empresa para outra. As empresas terceirizadas contratam força de trabalho mais barata e muitas vezes sem direitos trabalhistas através da subcontratação. (ANTUNES, 2005b, p. 52 a 54).

<sup>6</sup> O significado de subproletarização do trabalho para Antunes está “[...] presente nas formas de trabalho precário, parcial, temporário, subcontratado, ‘terceirizado’, vinculado à ‘economia informal’, entre tantas modalidades existentes. Essas diversas categorias de trabalhadores têm em comum a precariedade do emprego e da remuneração; a desregulamentação das condições de trabalho em relação às normas legais vigentes ou acordadas e a consequente regressão dos direitos sociais, bem como a ausência de proteção e expressão sindicais, configurando uma tendência à individualização extrema da relação salarial”. (2005a, p. 52).

<sup>7</sup> “[...] a expressão classe-que-vive-do-trabalho pretende dar contemporaneidade e amplitude ao ser social que trabalha, à classe trabalhadora hoje, apreender sua efetividade sua processualidade e concretude”. (ANTUNES, 2005b, p. 101).

<sup>8</sup> Para Albiero (1998, p. 33 a 45) acumulação flexível se caracteriza com o confronto com a rigidez do fordismo, criando a flexibilidade dos processos de trabalhos dos mercados, repercutindo no aumento da competição através de um sistema volátil, gerando desemprego estrutural sem precedentes, contribuindo necessariamente para o aumento da mão de obra excedente, enfraquecimento sindical, com contratos de trabalho totalmente flexíveis, além da concentração de renda.

Os novos arranjos trabalhistas, marcados pela subcontratação<sup>9</sup>, fazem com que os trabalhadores expulsos do mercado formal se submetam a salários baixos, normas de trabalho desrespeitadas, forte precariedade e insegurança no trabalho, desarticulando e desagregando, de forma intensificada, a sociedade enquanto conjunto coletivo, distanciando cada vez mais a supressão desse sistema, inviabilizando qualquer possibilidade de transformar as relações de trabalho (TAVARES, 2004)<sup>10</sup>.

O aumento da precarização do trabalho<sup>11</sup>, no qual se insere o trabalho informal com todas suas peculiaridades, dissimula a mais-valia, que independente das condições precárias em que o trabalho se realiza. Assim, a externalização da produção, marcada pelas mudanças no capitalismo contemporâneo com suas múltiplas deteriorações para o trabalhador oculta a exploração do trabalho, enquanto o capitalismo como imperativo absoluto atinge o ápice de acumulação e o contingente de trabalhadores expulsos do mercado formal aumentam em números expressivos o exército industrial de reserva (TAVARES, 2004)<sup>12</sup>.

No que se refere à globalização, percebe-se que esse processo é contemporâneo ao desenvolvimento do capitalismo, porém emerge simultaneamente a ele, se reestruturando nos vários contextos históricos, tendo uma dinâmica relacionada à própria transformação da sociedade, estabelecendo novos canais de interlocução humana, repercutindo numa revolução cultural sem precedentes.

O capital para continuar se reproduzindo muda as condições de acumulação, emergindo a globalização, alinhada ao processo de economia aberta, transnacionaliza, havendo assim a expansão do capital sem limites. A globalização permite que os países centrais ou mesmo imperialistas explorem de forma facilitada à força de trabalho, bem como os recursos naturais ou matérias-primas dos países dependentes.

Com a instalação das multinacionais enfraquecem as empresas nacionais de pequeno e médio porte, que para continuarem competindo no mercado reestruturam a dinâmica produtiva (IANNI, 2003)<sup>13</sup>.

Diante da sociedade contemporânea, a racionalização do trabalho, com o surgimento da automação, a robótica e a microeletrônica, a globalização se intensifica assumindo novas configurações, impulsionadas principalmente com o desenvolvimento tecnológico, caracterizado por um sistema volátil, de transporte, comunicação, entre outros contribuindo para a eliminação de fronteiras, tempo e espaço.

O progresso técnico caracterizado com a entrada da máquina, a microeletrônica, informatização e robotização no mercado de trabalho, é poupador de trabalho humano, o capital dessa forma não dá conta de absorver o excesso de mão de obra, que ele mesmo deu conta de excluir com os avanços tecnológicos, contribuindo necessariamente para o aumento do trabalho informal. Nesse contexto, o trabalhador torna-se mão de obra supérflua, não sendo altamente necessária para a autovalorização do capital. Essa realidade é sentida pelos Sacoleiros/Laranjas do município de Medianeira PR, que para sobreviverem são obrigados a atuarem na informalidade, somados as piores condições de trabalho.

Essa reestruturação contribui para precarização do trabalho, individualismo exacerbado, que segundo Sant'Ana (2002, p. 76), é “[...] uma nova modalidade de dominação imposta pelo capital. [...] significa muito mais que o processo de internacionalização do capital; é um novo padrão de acumulação comandado pelo capital financeiro”, facilitando o intercâmbio mundial de mercadorias e simultaneamente o aumento do desemprego, atrelado ao desajuste social, oriundo da organização atual do trabalho, que resulta na incapacidade da economia em absorver o excesso de mão de obra gerada a partir do processo de reestruturação do capital.

O neoliberalismo, a reestruturação produtiva e a globalização, fazem parte do mesmo processo de reprodução do capital, suas características de intensificar a exploração da força de trabalho, contribuem para o indivíduo seja responsabilizado por tudo que lhe acontece, tanto do seu fracasso como do seu sucesso, eximindo o Estado de suas responsabilidades, transferindo-as para o setor privado e sociedade civil.

Além disso, as formas de racionalização do trabalho objetivam controlar o indivíduo, explorando o máximo da sua força de trabalho, aumentando o lucro do capitalista e consequentemente a degradação da centralidade do ser humano, ou seja, o trabalho como uma maneira de emancipação do homem desde que lhe garanta a plena satisfação das suas necessidades sem que para isso se torne uma mercadoria (ANTUNES, 2005a)<sup>14</sup>.

As transformações no mundo do trabalho, como denomina Antunes, implicam diretamente nas condições de vida da classe trabalhadora, visto que o proletariado também se transforma nesse processo, atrelado a uma dinâmica com aspectos regressivos no que tange as condições de vida e suas devidas proporções.

<sup>9</sup> “O termo subcontratação refere-se ao recurso gerencial pelo qual uma empresa contrata uma outra unidade empresarial para a execução de atividades auxiliares à produção (higiene, limpeza, vigilância, zeladoria, transporte, saúde, alimentação, xérox, entre outras) ou para a realização de tarefas relativas à atividade-fim, interna ou externamente aos limites espaciais da empresa contratante”. (RUDUIT, 2002, p. 335 e 336).

<sup>10</sup> Ver mais a respeito em Tavares (2004, p. 43 a 55).

<sup>11</sup> A precarização do trabalho significa “[...] trabalho sem estabilidade e proteção social (benefícios, auxílios, pensões, aposentadorias, seguros, abonos, férias, salários suplementares), garantidos por lei”. (PEREIRA, 1999, p. 47).

<sup>12</sup> Ver mais a respeito Tavares (2004, p. 171 a 183).

<sup>13</sup> Ver mais a respeito em Ianni (2003, p. 35 a 43).

<sup>14</sup> Ver mais a respeito em Antunes (2005a, p. 91 a 100).

Nesse processo de mudanças, considerando aqui o reordenamento da economia, com as inovações tecnológicas derivadas do processo de produção flexível, não exime o trabalho humano, mas permite a articulação da exploração da mais-valia relativa<sup>15</sup> e mais-valia absoluta, com a diminuição do uso da força de trabalho (TAVARES, 2004, p. 183).

Assim, constata-se que o fenômeno da informalidade é algo predominante na sociedade atual, muitos trabalhadores sentem os efeitos concretos dessa realidade, visto que não há garantia de direitos sociais na efetivação do trabalho informal, além da precarização das condições de trabalho como um todo.

## **2. RESULTADO DA PESQUISA REALIZADA COM OS SACLEIROS/LARANJAS DO MUNICÍPIO DE MEDIANEIRA-PR**

Neste contexto, compreendendo que a pesquisa vem a ser um instrumento essencial para obtenção de dados, e por se tratar de um método investigativo, que exige uma aproximação sucessiva ao objeto estudado, pode-se entender que esse trabalho implicou necessariamente a utilização de instrumentos combinados, na perspectiva de apresentar a realidade social dos Sacoleiros/Laranjas, tendo como pressuposto as várias implicações dadas sob a égide da acumulação flexível, tendo o trabalho informal como determinante do processo de acumulação.

Como decorrência da lógica capitalista, que expulsa milhares de pessoas do processo produtivo, com objetivo de ampliar a lucratividade, pode-se identificar que há trabalhadores de diferentes idades que demarcam esse contexto, a faixa etária de trabalhadores informais evidenciada na pesquisa reforça uma mão de obra desnecessária ao sistema capitalista de produção.

O mercado informal é característica determinante, uma vez que o comércio Paraguaio proporciona de forma mais acirrada a presença dessa categoria de trabalhadores que atuam como Sacoleiros/Laranjas, estes são obrigados a buscar na ilegalidade uma alternativa de sobreviver em detrimento do desemprego que assola a sociedade como um todo.

A região tríplice fronteira, tendo os países Brasil, Argentina e Paraguai além de vivenciar as inúmeras expressões da “Questão Social”, tem como fator preponderante os trabalhadores informais que são “atraídos” pelo comércio Paraguaio como último recurso de sobrevivência.

Com objetivo de caracterizar a realidade dos Sacoleiros/Laranjas que atuam na região fronteira como trabalhadores informais, pelas próprias peculiaridades que essa região apresenta, a tríplice Fronteira é referente à divisa territorial entre o Brasil, a Argentina e o Paraguai.

As condições de trabalho formal, que de forma mais intensa demarcam os municípios da região Oeste do Paraná, além da caracterização de fronteira, a mesorregião do Oeste Paranaense é uma das dez mesorregiões do Paraná. É formada pela união de cinquenta municípios agrupados em três microrregiões.

A microrregião de Cascavel é uma das microrregiões do Estado Brasileiro do Paraná pertencente à mesorregião Oeste Paranaense e está dividida em dezoito municípios. Depois tem-se a microrregião de Toledo que também pertence a mesorregião do Oeste Paraná e está dividida em 21 municípios, além dessas duas microrregiões, tem-se a microrregião de Foz do Iguaçu pertencente a mesorregião também do Oeste. Sua população segundo o Censo de 2010 é de 408.800 habitantes e está dividida em onze Municípios dentre eles Medianeira como campo empírico da pesquisa. (IPARDES, 2013).

A caracterização do ambiente da pesquisa, realizou-se no município de Medianeira, nas residências dos sujeitos sociais, em específico os Sacoleiros/Laranjas que trafegam pela rodovia 277, atuando na compra e venda de mercadorias disponibilizadas pelo comércio Paraguaio.

Dos 22 entrevistados, 03 deles que corresponde a 14% são jovens entre 15 a 20 anos e, dentre eles, há uma parcela de adolescentes inseridos nesse ramo de atividade. Oito dos entrevistados, que corresponde a 36%, tem a idade entre 21 a 30 anos, encontra-se no clímax da produtividade, porém fora do mercado formal de trabalho. Um número significativo de 07 trabalhadores que corresponde a 32% dos entrevistados encontra-se na faixa de 41 a 50 anos, esses não corresponde ao perfil atual de reprodução do capital, além de 02 que corresponde a 9% que dificilmente se enquadra no perfil reprodutor exigido.

Esse resultado determina a sujeição daqueles que se encontram fora do mercado formal de trabalho, ressaltando que a faixa etária constatada coloca desde adolescentes até pessoas acima de 40 anos de idade, além da presença de idosos nesse ramo de atividade.

Quanto ao grau de escolaridade dos Sacoleiros/Laranjas, observou-se através da pesquisa 05 dos entrevistados que corresponde a 23% não concluíram Ensino Fundamental de 5º a 9º série, e quatro dos entrevistados que corresponde a 18% tem apenas o Ensino Fundamental de 1º a 4º série, esse mesmo número expressa Ensino Superior incompleto.

A partir dessa análise pode-se perceber que o baixo grau de escolaridade, contribui para que um contingente considerável de trabalhadores que são expulsos do mercado de trabalho. Outro fator que contribui para o aumento dos

---

<sup>15</sup>Entende-se por Mais-Valia Relativa o aumento das forças produtivas através do desenvolvimento tecnológico, obtendo a maior subordinação do homem em relação à máquina, ou seja, ampliar a produtividade física do trabalho pela via da mecanização, enquanto a Mais-Valia Absoluta compreende o aumento das forças produtivas através da ampliação da jornada de trabalho, visto que, estender a duração da jornada de trabalho mantendo o salário constante amplia também o lucro (BOTTOMORE, 2001, p. 227 a 229).

trabalhadores informais no que se refere ao acesso à escolaridade é que muitos interrompem seus estudos, o que dificulta ainda mais a inserção no mercado de trabalho formal, aumentando dessa forma o exército industrial de reserva, prevalecendo enquanto forças produtivas à margem do perfil reprodutor exigente.

O trabalho informal é incorporado pelo capital que estimula a tendência da sua generalização que se propaga sob formas de trabalho precário, sem direitos trabalhistas acirrando a mais completa desqualificação profissional, aprofundando a alienação do trabalhador. “Nenhuma forma de trabalho pode ser mais flexível que o trabalho informal, portanto, na hipótese de persistência do atual padrão reprodutor de acumulação, os empregos informais poderão vir a ser modernos” (TAVARES, 2004, p. 52), pelas próprias peculiaridades que os determinam.

Pode-se perceber que o trabalho informal que exercem os Sacoleiros/Laranjas, se resume em atividades que exigem o mínimo de qualificação possível, capazes de ser executadas por trabalhadores expulsos do mercado formal, que, nesse ramo de produção, exige desses, um grau de qualificação profissional.

Dentre os assalariados ilegais conforme resultado da pesquisa referente à renda pode-se definir que muitos destes atuam sob relações informais com salários baixos, ou seja, distinguem-se as rendas obtidas pelos sujeitos entrevistados. Diante destas constatações, é perceptível que o trabalho se torna lucrativo para poucos, pois para a maioria dos entrevistados a renda é estritamente para a sobrevivência.

Tendo em vista as forças produtivas sob a égide da produção flexível, onde se tem no setor informal a categoria Sacoleiros/Laranjas, Singer (2003, p. 73) assinala que, “Não há dúvida de que a exclusão alimenta a exploração e a exploração (particularmente do trabalhador informal) alimenta a exclusão”. O aumento acelerado da exclusão social é consequência dos processos de reestruturação produtiva, tendo em vista as novas e restritas relações de trabalho e a informalidade é resultado desse processo, somadas ao baixo salário e piores condições de trabalho, visto que, “Os ramos informais significam tão-somente que as relações capitalistas se desenvolvem à margem da legalidade, mas no interior do metabolismo de reprodução da ordem” (ROCHA *apud* TAVARES, 2004, p. 145), mesmo que não estejam diretamente vendendo sua força de trabalho, o espaço informal que lhes restam, é o único espaço permitido pelo sistema, sob as piores condições.

O trabalho informal articulado à produção capitalista justifica a expansão orientada apenas as condições de sobrevivência, uma vez que a acumulação flexível deixa a margem milhares de trabalhadores do setor formal.

A carga horária de trabalho dos sacoleiros/laranjas que atuam na fronteira Brasil/Paraguai, segundo dados da entrevista, independente do trabalho ser diário, semanal ou mensal, há um dispêndio por parte desses trabalhadores, em fazer com que a mercadoria chegue ao seu local de destino, muitas vezes ultrapassam a carga horária de oito horas de trabalho, por mais que o trabalhador tenha flexibilidade de horário, ele está submetido muitas vezes a horários mais rígidos do que se trabalhasse formalmente. Portanto, mesmo atuando na fronteira da ilegalidade, sob péssimas condições de trabalho, são obrigados a buscar alternativas de trabalho através da informalidade, em condições muito adversas.

O mais grave é que a manutenção e a intensificação desse processo de precarização das condições e relações de trabalho, em uma sociedade desigual e em um mercado de trabalho relativamente pouco integrado, vão rompendo identidades e gerando anomias (MATTOSO, 1999, p. 20).

Em sentido mais profundo, os Sacoleiros/Laranjas que atuam na informalidade sentem os rebatimentos das transformações no mundo do trabalho, visto que o mercado subproletariza um segmento de trabalhadores em números expressivos, atendendo aos programas neoliberais de flexibilização, desregulamentação e desmantelamento dos direitos sociais em todas suas formas. Nota-se que as metamorfoses que o capital atravessa para cumprir a dominação, permitem pensar o trabalho informal como mecanismo de reprodução do sistema, uma vez que o capitalista tem um exército industrial de reserva a sua disposição e a renda adquirida na informalidade, além de manter sua sobrevivência, serve para o consumo de mercadorias que o capital impõe como necessidade no mercado, ou seja, mesmo estando a margem das formas da legalidade do trabalho, sobrevivem na sociedade de consumo.

Neste sentido, leis criadas pela Justiça do Trabalho, por exemplo, adaptam-se, e flexibilizam-se, conforme as necessidades da acumulação capitalista. Assim, sem que se desconsidere o aspecto fenomênico das categorias econômicas, deve-se ter clareza que a aparência serve apenas como ponto de partida, que nenhum fenômeno é unilateral, e que existem entre este e a totalidade laços orgânicos que não podem ser ignorados, pois só dessa maneira é possível apreender a real função de cada uma das manifestações assumidas pelo trabalho, na sua organização contemporânea. Os artifícios a disposição da acumulação flexível possibilitam um exército de trabalhadores sem nomes, sem rostos, sem registros e, consequentemente, sem necessidades de proteção social (TAVARES, 2004, p. 128 e 129).

O trabalho informal faz com que os sujeitos sociais sejam submetidos às piores condições de trabalho, em que a exploração é mais intensiva, pois esta representa ao trabalhador uma falsa autonomia, por não estarem submetidos a uma jornada de trabalho determinada, mas que apresenta os riscos até que haja a entrega das mercadorias em seu destino.

Os sacoleiros e laranjas apesar de terem o horário flexível nunca sabem o horário e em que condições vão chegar em suas casas no final do dia ou final de semana, submetidos a um prolongamento da carga horária sem perceber o processo de exploração, sendo assim o capital não deixa espaço para que os trabalhadores desenvolvam outras

dimensões humanas. O trabalho informal longe da independência e autonomia caracterizada pela maioria dos sacoleiros e laranjas é na verdade uma imposição do capital.

Conforme Tavares (2004, p. 171). assinala na discussão sobre as repercussões na vida dos trabalhadores, “as mudanças que se traduzem em jornadas mais longas, que se estendem, às vezes, pela noite e aos finais de semana e feriados; em locais de trabalho improvisados, na ausência de proteção social; na diminuição do poder de reivindicação e de negociação”. Os entrevistados foram questionados sobre a atividade que exerciam antes de atuar como Sacoleiros/Laranjas, conforme demonstra a Tabela 1. Três desses trabalhadores, que corresponde a 13,6%, atuavam como secretárias e dois deles, o que corresponde a 9,1%, exerciam atividade de serviços gerais.

Tabela 1 – Atividade Anterior dos Sacoleiros/Laranjas

Sugestões	Quantidade de Respostas
Secretária	3
Auxiliar de Produção	2
Agiota	1
Arrendatário/Agricultura	1
Auxiliar Administrativo	1
Babá	1
Bancária	1
Chapeador	1
Cobrador de ônibus	1
Comércio Próprio	1
Doméstica	1
Motorista de Caminhão	1
Office-Boy	1
Operador de máquinas	1
Prestador de serviços	1
Sempre atuou como laranja	1
Serviços gerais	1
Vendedora	1
Vigilante	1

Fonte: LOPES (2007).

As profissões que exerciam os entrevistados antes de atuar como Sacoleiros/Laranjas, reforçam que, na maioria são atividades, não há exigência de um alto grau de escolaridade e, com o tempo, ao avaliar-se o grau de escolaridade dos entrevistados, justificam-se as funções que exerciam anteriormente, e com as metamorfoses que vem ocorrendo no mundo do trabalho, com o processo de reestruturação produtiva, acirrou ainda mais o declínio dessas funções no setor produtivo aumentando o ingresso desses na informalidade.

A intensificação desse processo de informalidade decorre, principalmente, das formas de redução de custos adotados pelas empresas, que para ampliar seus espaços produtivos e sua margem de lucro adotaram novas alternativas de produção, afetando diretamente os empregados. Têm demitido centenas de trabalhadores, terceirizado outros e recontratado alguns com salários bem inferiores, inviabilizando a criação de empregos regulares e regulamentados (SANTOS, 2007, p. 94).

As atividades que exerciam os Sacoleiros/Laranjas são incorporadas pelo trabalho informal, visto que a escala desses trabalhadores aumenta em números expressivos. O interessante para o capital é o insucesso do indivíduo que não se qualificou para continuar no mercado formal de trabalho e jamais é visto como determinantes do próprio sistema. Desta forma, o trabalho informal é visto pelo capitalista como oportunidades de emprego na sociedade contemporânea.

O motivo que levou os Sacoleiros/Laranjas a escolherem o trabalho informal, como atividade atual, está relacionado com a precarização do trabalho e com os reflexos da reestruturação produtiva, em que os desempregados subutilizados pela economia informal sofrem o processo de alienação.

Os vários fatores que reforçam os rebatimentos das mudanças no setor produtivo revelaram a maioria dos entrevistados que o fato de ganhar mais do que com carteira assinada é o que permite a continuar nesse ramo de atividade.

A Tabela 2 expressa os vários fatores que reforçam os rebatimentos das mudanças no setor produtivo, o fato de ganhar mais do que com carteira assinada, foi assinalado por 7 dos entrevistados que corresponde a 26%, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Motivo da Escolha da Atividade Informal

Sugestões	Quantidade de Respostas
Ganha mais que trabalhar com carteira assinada	7
O que ganha no trabalho formal é insuficiente para sobreviver	4
É uma atividade de renda semanal	4
Não tem outra opção de trabalho	3
O horário é a gente que faz	2
Desemprego	2
É mais fácil de ganhar	1
Para conseguir pagar o INSS até se aposentar	1
Tenho LER e nesse trabalho não uso computador	1
Não tem patrão para obedecer	1
Pela disponibilidade de estudar e fazer estágio (as empresas não liberam)	1

Fonte: LOPES (2007).

Ao buscar compreender as novas relações de trabalho em que o processo de reestruturação produtiva expulsa milhares de pessoas do sistema produtivo, reconhecendo a lógica e a dinâmica do capitalismo, os trabalhadores são obrigados a sobreviver no mercado informal de trabalho, sendo possível entender que a reestruturação do modo de produção contempla, em sua gênese, a necessidade de instaurar diferentes processos de trabalho como exigência para se manter hegemônico.

Isso se intensifica com a reestruturação produtiva, na qual o trabalho informal é um dos seus componentes. Essa realidade pode ser compreendida como resultante das formas de racionalização no mundo do trabalho, sendo estas características intrínsecas ao próprio processo de acumulação do capital, ou seja, as técnicas desenvolvidas pelo homem atendendo a dinâmica do capital para continuar o seu processo de reprodução, tais como: taylorismo, fordismo, reestruturação produtiva, toyotismo, neoliberalismo e globalização.

Diante da percepção da realidade social dos Sacoleiros/laranjas de Medianeira, os dados coletados fazem parte do objetivo específico no qual, *a priori*, foi alcançado no decorrer da pesquisa, uma vez que devem ser analisadas minuciosamente as questões que surgiram no processo de investigação da realidade, destacando que a estrutura familiar nesse contexto é alterada conforme a intensificação do capitalismo. Isto repercute na instituição familiar, altera o seu modo tradicional, ou seja, consolidam-se os novos arranjos familiares não mais centrados nas questões morais perpetuadas pelo casamento tradicional religioso e na família patriarcal composta por pai, mãe e filhos.

Conforme Miotto (1997), as transformações aludidas que afetam o cerne do conjunto familiar e alteram suas configurações devem ser compreendidas como decorrentes de uma multiplicidade de aspectos que precisam ser considerados, como a nova posição da mulher na sociedade, bem como, a mudança de hábitos e costumes, especificamente no que se refere à sexualidade - dado merecedor de atenção. Associado a isso, o avanço dos meios de comunicação, bem como o desenvolvimento técnico-científico contribuidor para novas invenções dos métodos contraceptivos ganham destaque como fatores que auxiliam para as novas configurações de famílias.

[...] as mudanças acarretaram uma fragilização dos vínculos familiares e uma maior vulnerabilidade da família brasileira (número de filhos, separações, divórcios) e a sua nova composição (famílias nucleares, aumento crescente das famílias monoparentais e especialmente de mulheres chefiando famílias, aumento das pessoas sozinhas). As famílias menores, sem dúvida, são mais vulneráveis às situações de crise, como mortes, desemprego, doenças e outros. (MIOTTO, 1997, p.120).

Alencar (2010) ao partir dessa análise retrata que nos anos de 1990, marcado pelo agravamento do desemprego onde a inserção no mercado de trabalho torna-se cada vez mais difícil, a família torna-se talvez a possibilidade única para os sujeitos promoverem as suas reais necessidades tendo em vista a inoperância ou inexistência de mecanismos de proteção social que levem em conta as repercussões dramáticas oriundas dos problemas relacionados da precarização do mundo do trabalho.

No que se refere ao grau de escolaridade, pode-se inferir que para o modelo de reestruturação produtiva, o trabalhador informal tendo o ensino básico para atuar nesse ramo já é suficiente, uma vez que o mercado produtivo expulsa milhares de trabalhadores, estes são obrigados a “se virar” no mercado de trabalho para sobreviver, e desta forma o processo de acumulação capitalista amplia a precarização das condições de trabalho, sem direitos garantidos.

Diante do problema “como ocorrem às condições de trabalho dos trabalhadores informais Sacoleiros/Laranjas que atuam na fronteira Brasil/Paraguai residentes no município de Medianeira?”, a aplicação das entrevistas e observação proporcionou uma análise da realidade social destes sujeitos, e a discussão foi realizada mediante a apresentação dos dados com ilustrações de tabelas.

Considerando a informalidade como expressão da flexibilização somada à precarização e ilimitada exploração do trabalho na sociedade do capital, suscita que o fenômeno da informalidade é um segmento que cresce em números expressivos em detrimento do desaparecimento do trabalho formal.

Tendo em vista que as forças produtivas sob a égide da acumulação flexível tenha modificado a fisionomia das relações de trabalho, acompanhando o movimento histórico, não se pode desconsiderar que as transformações ocorridas no modo de produção capitalista desde a sua inserção até chegar no capital contemporâneo, são dadas a partir das necessidades existentes no contexto social, que vem alterando ao longo das décadas simultaneamente as condições de intensificação do trabalho.

A informalidade é o reflexo destas mudanças, porém não deixa de ser estratégia do capital na superação de suas crises que no modo de racionalização atual empurra os trabalhadores para a margem da legalidade, tem-se o incessante ciclo de reprodução, que nega nessas relações a centralidade da contradição entre capital e trabalho.

Considerando que o emprego deixa de ser uma questão somente econômica e passa a ser uma das expressões da “Questão Social”, é necessário que os profissionais de serviço social como gestores públicos das políticas sociais e inseridos nos diferentes espaços sócio ocupacionais, atuem na elaboração, planejamento e avaliação destas com clareza sobre o seu comprometimento com a classe trabalhadora.

Sendo assim, as ações do assistente social devem estar pautadas na garantia do trabalho enquanto direito social, pois assim como lutas foram necessárias para que houvesse a implementação dos direitos sociais na legislação, torna-se necessária outra luta no sentido de efetivá-los, sendo que o assistente social além de estar comprometido com a concretização destes, tem como matéria-prima de intervenção, as expressões da “Questão Social”.

Portanto, não é possível identificar as relações de trabalho somente pelas razões endógenas do capitalismo, pois as condições de trabalho dadas a partir da transformação dos modelos de racionalização do trabalho estão imbricados na base material da sociedade, ou seja, o fenômeno da informalidade é expressão do momento histórico atual, dados a partir do processo de acumulação flexível que gera impactos na vida do trabalhador.

Assim, o capital reproduz as relações contraditórias nas diferentes conjunturas econômicas, agravando os índices de exclusão social em todas suas formas.

Diante da realidade apresentada, o serviço social inserido na divisão sociotécnica do trabalho atua diretamente com as expressões da “Questão Social”, o que para Iamamoto (2005), se caracteriza como a “matéria prima” da profissão, ao intervir na realidade deve ter o compromisso ético político de identificar as demandas, formular respostas aos problemas inerentes ao sistema capitalista.

O assistente social, para permanecer no mercado de trabalho com competência para desvelar o significado dos problemas expressos nas expressões da “Questão Social”, deve buscar a qualificação constante, buscar alternativas e estratégias para o enfrentamento dos problemas que se encontram explícitos na contemporaneidade, com objetivo de superar o movimento da sociedade brasileira que nesse contexto adere o ideário neoliberal.

Se é no terreno do senso comum que os segmentos de classe subalternizado incorporam as ideologias dominantes como única verdade, é também a partir dele que pode ocorrer um processo de crítica e desconstrução desse modo de pensar, expressão de contradições histórico-sociais mais profundas, favorecendo a formação de novos consensos que reforcem a construção de uma contra-hegemonia. (SIMONATO, 1999, p. 89).

Torna-se necessário um conjunto de saberes por parte dos profissionais de serviço social que extrapole a realidade imediata com proposições para apreender a dinâmica conjuntural e a correlação de forças manifestas ou ocultas, ultrapassando as aparências das demandas sociais cotidianas, possibilitando projetos sociais mais amplos.

Nesse contexto de transformações e reestruturação produtiva, o Estado não é o único empregador dos assistentes sociais, havendo novos campos de atuação a serem conquistados, mediante a inserção desses profissionais, sua ação independente dos espaços ocupados devendo sempre transcender as fronteiras do pragmatismo.

Dar conta dessa dinâmica supra referida, parece ser um dos grandes desafios do presente, pois permite dar transparência a valores atinentes ao gênero humano, que se tornam cada vez mais opacos no universo da mercantilização universal e do culto do individualismo. Enfim, decifrar as múltiplas expressões da questão social, sua gênese e as novas características que assumem na contemporaneidade, atribuindo transparência às iniciativas voltadas a sua reversão e/ou enfrentamento imediato. (IAMAMOTO, 2005, p. 28 e 29).

Entendendo os caminhos que a profissão percorre, torna-se necessário atentar para as interferências e os desafios possíveis de serem superados, cujo objetivo é perpassar o âmbito das relações de conflito, considerando sempre o usuário como sujeito no processo, visando a transformação da sociedade, buscando contribuir para a promoção de mudança política, econômica, social e cultural, na busca pela concretização do exercício da cidadania.



A superação desse paradigma demanda ao profissional de Serviço Social criar alternativas com ações inovadoras, com desafios que ultrapassem a passividade no que se refere a construção de políticas emancipatórias, capazes de desmistificar a ideologia do Estado sob o ideário neoliberal (PORTO, 2001).

Esse processo acontece a longo prazo e remete romper com ideias cristalizadas por parte do Estado e, também, muitas vezes evidenciadas ainda no interior da profissão, consistem em modificar os planos políticos e ideológicos de caráter conservador que preconizaram de forma intensa nas diversas conjunturas da sociedade, referentes às ações desenvolvidas no interior das políticas sociais em específico a de assistência social.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. M. T. Transformações econômicas e sociais no Brasil dos anos 1990 e seu impacto no âmbito da família. In: SALES, Mione Apolinário; MATOS, Maurílio Castro de; LEAL Maria Cristina. (orgs). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- ALBIERO, C. M. G. O novo perfil profissional exigido pelas empresas e a formação profissional em serviço social mediante o estágio supervisionado. In: **Instituto de Pesquisas e Estudos Divisão Serviço Social**, Bauru, 1998.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005a.
- \_\_\_\_\_. R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005b.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CESAR, M. J. Serviço Social e Reestruturação Industrial: requisições, competências e condições de trabalho profissional. In: MOTA, A. E. **A nova fábrica de consenso**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- IAMAMOTO, M. V. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 9. ed. São Paulo, Cortez, 2005.
- IANNI, O. **A sociedade global**. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- IPARDES. **Base de dados do Estado**. Disponível em <http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/index.php>. Acessado em 25/03/2014.
- LOPES, C. C. B. **As transformações no mundo do trabalho: um estudo teórico prático sobre o trabalho informal dos sacoleiros e laranjas de Medianeira**, 2007. 36f. Projeto de Pesquisa de Monografia (Pós-Graduação em Políticas Sociais), Faculdade Educacional de Medianeira, Medianeira, 2007.
- MATTOSO, J. **O Brasil desempregado: como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- MIOTO, R. C. T. Família e serviço social: contribuições para o debate. **Serviço social e Sociedade**, nº 55, São Paulo: Cortez, 1997.
- PEREIRA, P. A. P. O significado sócio histórico das transformações da sociedade contemporânea. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 1. Brasília:UNB, Centro de Educação Aberta, Continuada a Distancia,1999.
- PORTO, M. C. S. Cidadania e (des) proteção social: uma inversão do estado Brasileiro? **Serviço social e Sociedade**, nº 68, São Paulo: Cortez, 2001.
- RUDUIT, S. Terceirização/subcontratação. In: CATTANI, Antonio David (Org). **Dicionário crítico Trabalho e tecnologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SANT'ANA, R. S. O desafio da implantação do Projeto Ético-Político do serviço social. **Serviço Social e Sociedade**, nº 62, São Paulo: Cortez: 2002.

SANTOS, G. P. G. Mercado de trabalho e políticas públicas para a juventude. In: **Serviço Social e Sociedade**. nº 90, São Paulo: Cortez, 2007.

SIMONATO, I. As expressões ideoculturais da crise capitalista da atualidade. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 1. Brasília: CEAD, Centro de Educação Aberta, Continuada à Distância, 1999.

SINGER, P. **Globalização e desemprego**: diagnósticos e alternativas. São Paulo: Contexto, 2003.

TAVARES, M. A. **Os fios (in) visíveis da produção capitalista**: informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004.